

Água: um recurso estratégico no continente africano

Ao longo da história, os grandes rios africanos e as suas águas sempre atraíram a atenção de vários exploradores, historiadores, escritores, cientistas, artistas e mercenários, entre outros.

Durante o período colonial, rios como o Nilo, o Congo ou o Volta despertaram vários interesses políticos e económicos. Um dos objectivos deste artigo é analisar como se alteraram os interesses estratégicos por esses recursos desde o período colonial até aos dias de hoje. Por outro lado, nas últimas décadas vários cientistas, mas também a comunicação social, têm dado uma ênfase especial às questões da disponibilidade e acesso a recursos hídricos em África. Fala-se de uma crescente “escassez hídrica” no continente e das suas potenciais consequências económicas, sociais e políticas, nomeadamente o aumento do potencial para conflitos entre países e/ou grupos sociais. Vários factores têm contribuído para este alarmismo: crescimento populacional galopante, aumento da procura dos recursos hídricos, crescente desertificação

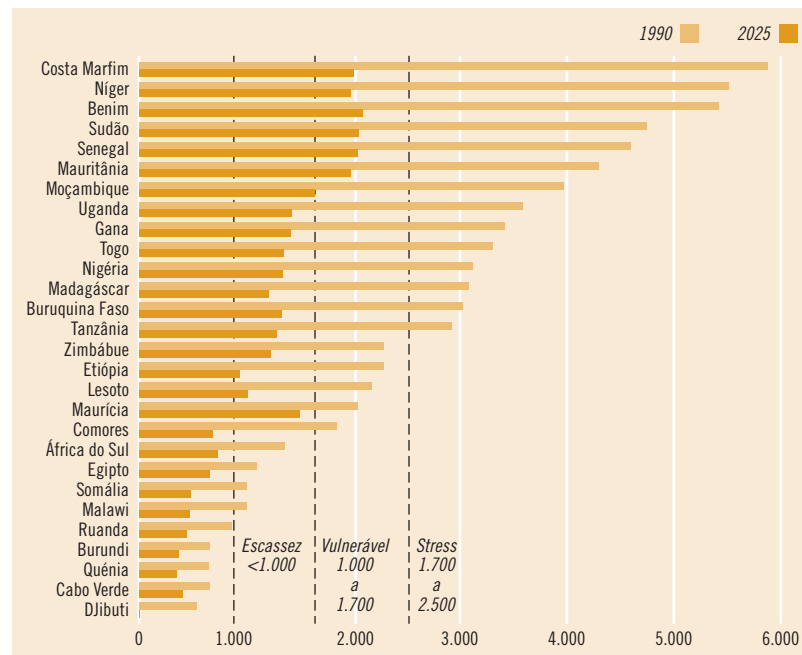
e diminuição dos níveis de precipitação em certas regiões. Este artigo analisa a situação actual em termos de disponibilidade e acesso aos recursos hídricos em África e as suas implicações políticas e estratégicas.

África: uma hidrologia complexa

Em geral, o continente africano pode ser considerado como uma região com vastos recursos hídricos. O continente conta com cerca de 325 bacias e sub-bacias hidrográficas (Shahin 2002), que se encontram maioritariamente na África Subsariana. Sessenta dessas bacias hidrográficas (rios e lagos) são transfronteiriças e ocupam 62% do território africano (Wolf *et al.* 1999).

No entanto, a distribuição geográfica dos recursos mostra que nem todas as regiões do continente africano podem ser consideradas ricas em recursos hídricos. O continente africano é também marcado por áreas desérticas e semidesérticas. Na região norte do continente africano encontramos o deserto do Sara, o maior deserto do mundo, e imediatamente abaixo o Sahel, uma região

DISPONIBILIDADE HÍDRICA PER CAPITA POR PAÍS, 1990 E 2025 (em m³ / pessoa / ano)



Fonte: UNEP / GRID-Arendal 2002.

semi-árida que estabelece a fronteira entre as duas regiões ecológicas (desértica a norte e savana a sul). Outras regiões semidesérticas estão localizadas na África Oriental e África Austral. A disponibilidade de recursos hídricos nestas regiões é limitada.

Em termos absolutos considera-se que o continente africano é rico em recursos hídricos, mas dada a grande densidade populacional em muitos países africanos, a disponibilidade de água *per capita* é problemática. O gráfico da disponibilidade hídrica compara os níveis de disponibilidade hídrica para alguns países, tendo como referência o ano 1990 e as estimativas para o ano de 2025. Estes dados mostram que muitos países africanos encontram-se já em situações de vulnerabilidade, stresse ou escassez hídrica, e que a situação tenderá a agravar-se nas próximas duas décadas devido a elevadas taxas de crescimento populacional (UNEP/GRID-Arendal 2002a and 2002b). A disponibilidade hídrica *per capita* é particularmente baixa nos países do Norte de África (Marrocos, Argélia, Tunísia, Líbia e Egipto) mas também na África Oriental, a região africana para onde se estimam as mais altas taxas de crescimento populacional nas próximas décadas.

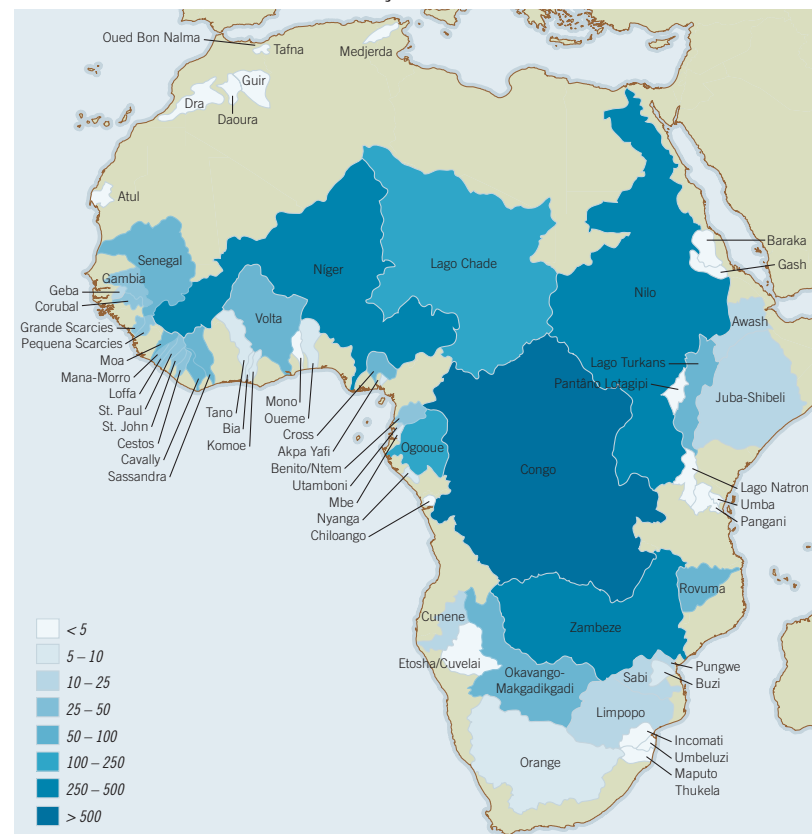
Pela sua localização, abundância ou escassez, os recursos hídricos africanos,

principalmente os rios, sempre tiveram uma enorme relevância política e estratégica, quer no período colonial, quer no período pós-colonial.

A importância dos rios africanos durante o período colonial

Durante o período colonial, os rios africanos assumiram uma importância política considerável, quer pelo seu valor geopolítico, quer pelo valor económico intrínseco dos seus recursos hídricos. Em termos geopolíticos, as várias potências colonizadoras europeias viram os rios africanos, tal como o Nilo, o Níger, o Congo, o Senegal ou o Zambeze como importantes meios para expandir o controlo sobre o território africano. Durante os séculos XIX e XX, os poderes coloniais investiram parte do seu capital político na descoberta das fontes, afluentes e percursos dos maiores rios africanos através de grandes expedições. Estas descobertas permitiram às potências europeias penetrar no interior do continente, desenhar mapas mais precisos da África “desconhecida”, reclamar soberania sobre territórios e expandir o controlo político-administrativo sobre as populações que habitavam as zonas ribeirinhas. Os rios funcionavam também como importantes vias

BACIAS HIDROGRÁFICAS TRANSFRONTEIRIÇAS EM ÁFRICA E O SEU VOLUME (Km³ cúbicos/ano)



Fonte: OCID-NACSE 2007.

de transporte para os recursos vitais para a metrópole, tal como minérios (ouro, carvão, cobre, diamantes, etc.) e outros produtos (tal como madeira, marfim, borracha). Em paralelo, os vastos recursos hídricos e os solos férteis do continente africano também permitiram aos colonizadores estabelecer megaprojectos agrícolas, nomeadamente de irrigação, para produção de bens úteis à metrópole (Duignan e Gann 1975). Os extensos campos irrigados de algodão no Egipto, Sudão, Congo ou Nigéria são exemplos maiores de projectos agrícolas coloniais que beneficiaram dos vastos recursos hídricos no continente. Os projectos agrícolas coloniais também incluíram a megaprodução de vários produtos alimentares, tal como milho, açúcar, cacau, chá, café, óleo de palma, etc. que consumiam vários milhares de metros cúbicos de água. A Rodésia, Quênia, Angola, Senegal ou Costa do Marfim transformaram-se em principais fornecedores de produtos alimentares para os seus respectivos poderes coloniais. A abundância de recursos hídricos nestas regiões foi factor principal no desenvolvimento de uma agricultura colonial de carácter intensivo, extensivo e comercial. Neste período, jargões como desertificação, desflorestação, escassez hídrica ou gestão hídrica sustentável não faziam parte do dicionário, nem dos poderes coloniais, nem das autoridades locais. Estas preocupações vieram a manifestar-se já no período pós-colonial.

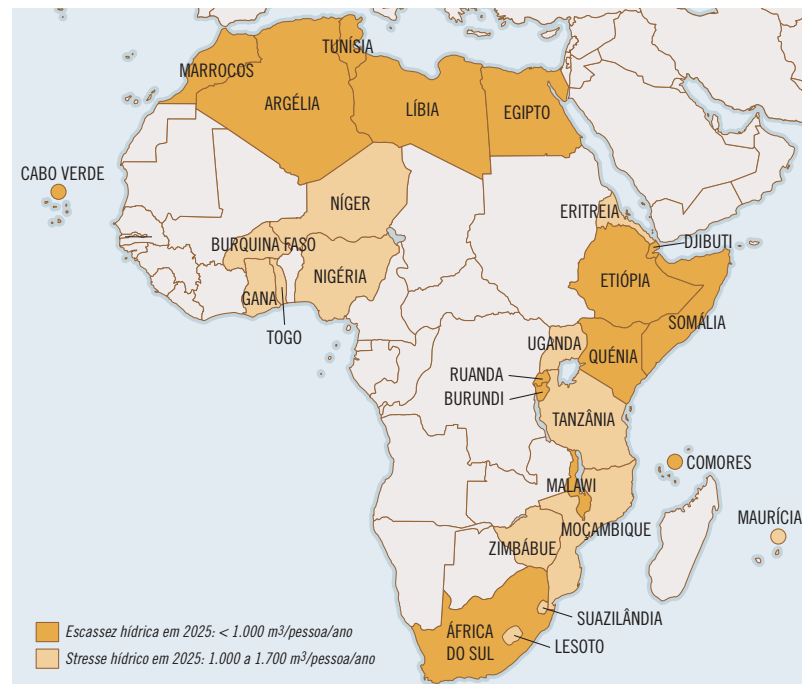
Crescente pressão sobre os recursos hídricos no período pós-independência

Após as independências dos países africanos, os recursos hídricos mantiveram a sua importância económica e estratégica, ainda que as dinâmicas se tenham alterado significativamente. Em termos económicos, os recursos hídricos continuaram a ser um dos mais importantes factores de produção, visto que a agricultura, o principal sector económico em quase todos os países africanos, consome mais de 80% do total de água disponível no continente (FAO 2005). Produto Nacional Bruto, emprego,

segurança alimentar e produção de energia eléctrica estão extremamente dependentes das disponibilidades hídricas. Em termos estratégicos, o período pós-colonial assistiu a um aumento da complexidade, por exemplo, em termos de partilha de água em rios transfronteiriços, dado o aumento da competição entre interesses diversos (e várias vezes divergentes), em termos da utilização da água, dos diferentes países independentes.

No período pós-colonial vários eventos com importantes impactos na disponibilidade e acesso a recursos hídricos podem ser identificados. Por um lado, o aumento extraordinário das populações em vários países africanos conduziu a um aumento da procura dos recursos para diversos fins económicos, principalmente expansão agrícola e construção de megabarragens para produção de energia eléctrica. Estas actividades antropogénicas induziram uma crescente pressão e sobreexploração dos recursos hídricos, uma crescente desflorestação de vastas regiões da África Subsariana, e também a um decréscimo dos níveis médios de lagos, rios e lençóis freáticos. O decréscimo abrupto dos níveis de água do lago Chade ou lago Vitória são exemplos extremos deste cenário. Consequentemente, várias regiões no continente africano assistiram a uma espiral de degradação ecológica. Por outro lado, esta situação foi agravada por longos e recorrentes períodos de seca durante os anos 70 e 80 e uma crescente desertificação da região do Sahel e zonas adjacentes. Países como a República Centro-Africana, Mali, Sudão, Etiópia e Somália, por exemplo, experienciaram períodos prolongados de seca e consequente disrupção da produção agrícola e da estrutura económica e crises de fome que muitas vezes coincidiram com situações de instabilidade social e política (World Bank 1998). Nos anos 90, a região mais oriental da África Austral (Malawi, Moçambique, Zimbábue e África do Sul) também assistiu a um aumento dos períodos de seca e a uma diminuição dos níveis médios de precipitação, ainda que com consequências menos catastróficas. O Mapa 3 mostra-nos as previsões em termos de disponibilidade hídrica para o ano de 2025

STRESSE E ESCASSEZ HÍDRICA EM ÁFRICA (estimativas para 2025)



Fonte: UNEP/GRID-Arendal 2002b.

e observa-se que são exactamente os países do Norte de África e da África Oriental (mas também da África Austral) que apresentam os maiores índices de stress e escassez hídrica.

Em conclusão, é ou não previsível que uma combinação de acelerado crescimento populacional, degradação ecológica e redução das disponibilidades hídricas em África venha a conduzir a “guerras de água”, como muito se especulou nas últimas décadas? Há quem fundamente que conflitos armados entre Estados por causa de água possam vir a surgir nas próximas décadas (Homer-Dixon 1999). Ban Ki-moon, secretário-geral das Nações Unidas, referiu recentemente que o conflito no Darfur é um conflito que em grande parte nasceu da desertificação, degradação ecológica e escassez de água (Washington Post 2007). Mas o Relatório de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas de 2006, dedicado exclusivamente às questões dos recursos hídricos (UNDP 2006), traz-nos uma mensagem mais optimista: a “crise da água” pode ser ultrapassada e os conflitos hídricos podem ser prevenidos ou resolvidos se as autoridades nacionais, locais e internacionais se empenharem em práticas de “boa governança hídrica”. ■

Referências bibliográficas

- DUIGNAN, P. e GANN, L.H., eds. (1975) — *Colonialism in Africa, 1870-1960. Volume 4: The economics of colonialism*. London: Cambridge University Press.
- FAO (2005) — *Irrigation in Africa in Figures — AQUASTAT Survey 2005*. Rome: Food and Agricultural Organisation.
- HOMER-DIXON, T. (1999) — *Environment, Scarcity and Violence*. Princeton: Princeton University Press.
- NASA (2005) — *Satellite measurements of vegetation in Africa*. [Online]. Disponível em: http://earthobservatory.nasa.gov/Features/Desertification/Images/africa_ndvi_200511.jpg. Acedido a 1 de Julho de 2009.
- OCID-NACSE (2007) — *Map of Discharge in African River Basins*. In: *Transboundary Freshwater Dispute Database Maps*. [Online]. Disponível em: <http://ocid.nacse.org/tfdd/php/africaDischarge.php>. Acedido a 1 de Julho de 2009.
- SHAHIN, M. (2002) — *Hydrology and Water Resources of Africa*. Dordrech: Kluwer Academic Publishers.
- UNDP (2006) — *Human Development Report 2006: Beyond scarcity: Power, poverty and the global water crisis*. New York: Palgrave MacMillan.
- UNEP/GRID-Arendal (2002a) — *Water availability in Africa*. In: *UNEP/GRID-Arendal Maps and Graphics Library*. [Online]. Disponível em: http://maps.grida.no/go/graphic/water_availability_in_africa. Acedido a 1 de Julho de 2009.
- UNEP/GRID-Arendal (2002b) — *Freshwater stress and scarcity in Africa by 2025*. In: *UNEP/GRID-Arendal Maps and Graphics Library*. 2002. [Online]. Disponível em: http://maps.grida.no/go/graphic/freshwater_stress_and_scarcity_in_africa_by_2025. Acedido a 1 de Julho de 2009.
- Washington Post (2007) — *What I Saw in Darfur: Untangling the Knots of a Complex Crisis*, By Ban KI-MOON. 14 de Setembro 2007.
- World Bank (1998) — *Impact of drought on Sub-Saharan African Economies: A preliminary examination*. Washington D.C.: World Bank.
- WOLF, A. T.; NATHARIUS, J. A.; DANIELSON, J. J.; WARD, B. S. and PENDER, J. K. (1999) — *International River Basins of the World*. *International Journal of Water Resources Development*, 15(4): 387-427.